



## **CIDADES (INTER)MÉDIAS NO NORDESTE, DO LOCAL PARA O GLOBAL.**

### **Autores:**

Alenuska Lucena Medeiros - PPEUR/ UFRN - alenuska@gmail.com

### **Resumo:**

As cidades médias têm se mostrado como alternativa às cidades grandes frente a um desenvolvimento local que provoca fluxo de pessoas, promoção cultural e giro de capital entre cidades vizinhas e regionais. Ao mesmo tempo, as suas festas tradicionais são transformadas em espetáculo para atender uma população que transborda sua localidade e região, aderindo a tematizações globais, desse modo, modificação a característica peculiar às festas tradicionais locais. Em contrapartida, existem cidades médias com funções similares, porém em escala menor tanto no seu âmbito estruturante quanto festivo. Com isso, o presente artigo visa analisar os modos diferentes no qual as cidades médias vêm se promovendo, se organizando e funcionando. Destaca-se nesse artigo o desenvolvimento da teoria que define o que seria o desenvolvimento local, regional e global, e que, também, provocam fluxos de pessoas entre cidades e regiões, a vida cotidiana nessas escalas, a formação do conceito das cidades (inter)médias, o papel das cidades (inter)médias para o desenvolvimento regional e aplicabilidade desses conceitos.

## ABORDAGENS SOBRE A CIDADE E O URBANO

As cidades médias têm se mostrado como alternativa às cidades grandes frente a um desenvolvimento local que provoca fluxo de pessoas, promoção cultural e giro de capital entre cidades vizinhas e regionais. Ao mesmo tempo, as suas festas tradicionais são transformadas em espetáculo para atender uma população que transborda sua localidade e região, aderindo a temáticas globais, desse modo, modificação a característica peculiar às festas tradicionais locais. Em contrapartida, existem cidades médias com funções similares, porém em escala menor tanto no seu âmbito estruturante quanto festivo. Com isso, o presente artigo visa analisar os modos diferentes no qual as cidades médias vêm se promovendo, se organizando e funcionando. Destaca-se nesse artigo o desenvolvimento da teoria que define o que seria o desenvolvimento local, regional e global, assim como a sua perspectiva estruturante e festiva que elas desenvolvem e que, também, provocam fluxos de pessoas entre cidades e regiões, a vida cotidiana nessas escalas, a formação do conceito das cidades (inter)médias, o papel das cidades (inter)médias para o desenvolvimento regional e aplicabilidade desses conceitos.

### **CIDADES MÉDIAS – ESCALA LOCAL E GLOBAL**

A concepção e práticas da produção dos espaços de cidades médias, conforme Brenner (2000) em: "A questão urbana como questão de escala: reflexões sobre Henri Lefebvre, Urban Theory e The Politics of Scale", traz elementos da "questão da escala" da metade do século XX que são pertinentes para a cidade contemporânea, tanto na sua escala regional, nacional e/ou global e, não menos, para o tema global de uma cidade festiva que se insere continuamente no planejamento das cidades que transborda para além do local e perpassar para a escala global.

Para o mesmo autor, o avanço metodológico, a historicidade das escalas geográficas é relativizada isoladamente e que o capital altera as escalas urbanas na busca de mais-valias. Desse modo, não se pode deixar de analisar as cidades no quadro de escalas e quanto a cultura em sua escala de manifestações, onde a uma precificação da cultura que vai além do local para atingir uma outra escala regional, *quizá* global, através de adesões estruturantes modernas e grandiosas para atingir um volumoso público.

Explicando essa formação de escala, Marston (2000) observa que o interesse em escala na geografia humana não é novo, nem se limita à geografia humana. Ele afirma que a escala geográfica se refere à extensão espacial de um fenômeno ou estudo, e que as suas tentativas estão sendo feitas atualmente para entender como a escala é produzida socialmente para destilar uma coerência global variada dos empreendimentos. Além disso, essa escala é constituída e reconstituída em torno das relações capitalistas e coube a Lefebvre a observação simples mas poderosa de que o espaço é um produto social, resultado das práticas socioespaciais.

Essas práticas possuem escalas que não são apenas uma prática retórica; suas implicações estão inscritas, e são o resultado de, tanto a vida cotidiana como as estruturas sociais de nível macro. E que o desenvolvimento econômico local deve ser entendido como a nova política urbana que estão envolvidos na construção de localidades, que se faz necessário

examinar como os grupos locais, geralmente não inseridos pelo estado local ou pelo mercado, intervêm na produção local ao mesmo tempo em que se conectam a outros espaços espaciais escala além do local, como afere Marston (2000).

O trabalho de Neil Brenner (2000) trata das implicações teóricas do estudo de caso apresentado acima e está muito orientado para explicar o papel do Estado na assistência e liderança da produção capitalista do espaço. Já Cox, analisado por Marston (2000), se esforça para usar a política de escala como forma de compreensão da política local, que também é uma entrada para pensar sobre a política de espaço, de forma mais geral. As localidades, como tipos particulares de espaços, podem ser distinguidas em duas formas fundamentais: como espaços de dependência e como espaços de engajamento. E que para Lefebvre, a globalização do capital e a reescalonamento do poder territorial estadual andam de mãos dadas, facilitadas pela condução da urbanização e sobreposição.

Marston (2000) afirma que a questão da escala urbana (a escala de experiência) está orientada em torno do sistema urbano diário e as formas particulares em qual acumulação (investimento e desinvestimento) se manifesta em lugares e afetam como os habitantes vivem suas vidas diárias. E que a diferenciação interna do espaço urbano é o resultado de divisões entre terem produção de capital e de outros usos do solo (como residenciais e recreativos), mediados pela sistema de aluguel de terra.

#### **A VIDA COTIDIANA NAS CIDADES CONTEMPORÂNEAS EM ESCALAS DIFERENTES**

A vida cotidiana em diferentes escalas é analisada nesse artigo porque ela é modificada de acordo com as interferências de planejamento nas cidades que inserem nos seus espaços tanto uma concepção global, como uma outra local, como destaca Marston (2000). O mesmo autor fala que as práticas possuem escalas que não são apenas uma prática retórica, suas implicações estão inscritas, e são o resultado tanto da vida cotidiana como as estruturas sociais de nível macro, com micro. Para Henri Lefebvre (1970), os meios de tecnologia moderna, possivelmente, estão destruindo a espontaneidade, ritmos fisiológicos, enfim, a vitalidade da cidade do espaço público, a rua, por meio de controle e marcação de ritmos, que são encontrados, também, nas cidades médias e fazem uso de instrumentos que limitam o espaço e o tempo, mesmo nas suas diferentes escalas.

A cidade contemporânea, genérica como definida por Rem Koolhaas (2014) possui como principal característica a rápida formação e transformação de identidades, onde a superfície urbana só tem finalidade para o movimento, principalmente para uso de carros, que superam os espaços de praças e avenidas para dar lugar às autoestradas. Desse modo, desenvolvo a partir das análises de Lefebvre e Koolhaas que a vida cotidiana na cidade média, cuja função também é de passagem, de fluxo de pessoas de diferentes localidades, logo novas surgem, logo novas são aderidas a uma perspectiva global para que uma numerosa população permaneça, mesmo que em um tempo curto, induzindo assim novas cotidianidades.

Na vida cotidiana, entramos em contato com o mundo humano já realizado, com inúmeros objetos, cuja sua totalidade é oferecida às ambições e estimula os desejos que suas vidas em particular podem ser dominadas e apropriadas, onde as necessidades tornam-se desejos. Visto isso, indaga-se quando ele, o objeto, está sempre em transformação? Quando o realizado ainda não terminou e já se tem a transformação? É o questionamento que trago

para essa cidade média que adere a contextos amplos festivos de megaevento, cuja característica essencial é a efemeridade dos espaços, que pôr um fim econômico, ela cria, absorve e/ou destrói as identidades da população.

Essas necessidades locais, de identidade, passam pelos filtros de linguagem, de proibições e permissão externa, de inibições e excitações, de esforço e realização. As necessidades estão presentes no lote geral dos seres humanos: necessidade sexual, necessidade de alimentos, necessidade de habitat e vestido, necessidade de jogo e atividade, que por consequência, têm o poder de transformar o espaço, por vezes fora da ordem, por vezes ordenadas. Para a cidade genérica, contemporânea, de grandes espetáculos, e porque não, nas cidades médias, faz que o momento concreto se afaste dos demais para criar um transe de experiências inapreciáveis a partir da evacuação do domínio público, como descreve KOOLHAAS (2014), onde a grandiosidade toma outra dimensão frente a escala humana. Assim as necessidades das pessoas são transformadas em desejos efêmeros, festivos, acoplados em espaços grandiosos, como as que ocorrem em arenas imensas.

Esses espaços grandiosos transformam-se em sinais emblemáticos, gravados no consciente coletivo global, com selvagens manipulações de desejos e necessidades que estão presentes nas lojas e serviços que levam a substituir a festa antiga de rua, cuja escala é menor. Desse modo, quando não há necessidade de sair deste local genérico, amplo, direcionado, cuja característica é de identidade global, a cotidianidade torna-se uniforme dentro do estabelecimento e se afasta da cotidianidade do espaço físico público externo, ou seja, sugere uma cotidianidade limitada. Essa é uma teoria que se realiza tanto em cidades grandes, quantos nas cidades médias.

A cidade genérica, analisada por Koolhaas, não se restringe aos aeroportos, inclui a arquitetura simbólica, suas multifunções e formas que transforma os espaços públicos, as ruas e seus usos. A partir disso, deduz que a rua morreu quando a cidade genérica passa da horizontalidade para a verticalidade e cuja densidade isolada e agregada é a ideal. As comemorações de São João que acontecem em Campina Grande – PB e em Mossoró – RN são esses espaços fechados/ limitados que acabam ensejando essa interpretação feita por Koolhaas, onde os espaços são divididos em funções de uso, demarcado fisicamente o que faz parte ou não da festa para colocar quem é participante ou não. O autor continua com a ideia de que a concentração de uso, como os resorts e hotéis no qual não precisa sair dele para fazer outra coisa, hoje, implicam agora em “um encarceramento, uma prisão domiciliária voluntária”; que faz a pessoa chegar e permanecer, assim é a festa “genérica” de rua, também das cidade médias, onde as densidades são implodidas durante os festejos em espaços limitados.

Os locais de passagem e reunião, a rua, o café, as estações, os estádios, como Lefebvre (1972) lembra, tinha mais importância e interesse no cotidiano do que serem lugares de passagem e de ligação. Em outro momento, anterior ao que ele descreve, a casa ou oficina tinha tanta realidade como a rua. Com as definições dos dois autores, questiona-se o tipo de cotidianidade da cidade genérica nas cidades médias, cujo fim são os espaços fechados, cuja rua perde a importância e interesse. Hoje, na tipologia da cidade estudada, a casa ou oficina têm realidades diferentes da rua e não mais o quanto. Só em casos, onde a população resiste, se apropria e transforma os espaços públicos que é possível quebrar a lógica majoritária dessa cidade e a transforma. Logo percebo o quanto a cidade média pela sua dimensão e poder de

relação com as cidades vizinhas e regionais podem modificar esse perfil genérico que já se apresenta nelas. Há de resistir os moldes globais que já estão presentes nela.

Então, partindo do princípio que a rua das cidades médias já não cabe a multiplicidade de usos espontâneos e sim de usos preestabelecidos, seja em festas, seja no cotidiano. Ela acaba por repetir e mudar todos os dias de acordo com as mudanças efêmeras de pessoas, aspectos, objetos e horas, no qual o aspecto global impõe as adequações à moldes capitais e desejáveis dessas mudanças de identidades, ora intencionada para um consumo, ora como uma consequência da importância da cidade nas demais próximas.

O show de rua, variável e idêntico, oferece apenas surpresas limitadas, com exceção de acidentes (isto é, exceto no caso de um acidente, que imediatamente provoca emoções consideráveis e multiplica o interesse). Na cidade genérica, os objetos são fetichizados completamente, e esse fetichismo é metamorfoseado em um tipo de esplendor, que faz com que algumas prédios se assemelhem a museus e lojas de departamentos às catedrais, assim como em festas religiosas tradicionais. Com os objetos e a beleza deles, a obtenção e a rejeição, o edifício e o lugar passa a fazer parte do imaginário e, ao mesmo tempo, e do lugar da realidade mais difícil, do dinheiro e da frustração.

A cidade genérica é multirracial, também multicultural. Fundada por pessoas em trânsito, determinadas a seguir adiante, como um assentamento, no cotidiano, sinais misturados, aos quais são adicionados. A riqueza social oferece aos indivíduos possibilidades, uma surpresa do cotidiano que para as cidades maiores, pelo mesmo motivo, possui mais seduções e “tentações” do que as menores.

Para concluir, a cidade genérica tanto nas cidades médias quanto nas maiores, possuem elementos globais e locais que estão presentes em edifícios grandiosos, nos espaços públicos super dimensionado e nos espaços micro, que não deixam de adquirir novas identidades e transformar as antigas, onde o passado se torna pequeno e a rua se torna uma passagem para lugares e não são lugares. Percebe-se que a cotidianidade dessa cidade se restringe a ser realizada dentro dos edifícios/ espaços grandes, de modo a se tornar homogêneo.

### **FORMAÇÃO DO CONCEITO DAS CIDADES (INTER) MÉDIAS**

A expressão cidade média é inserida em determinado contexto histórico e geográfico e intelectual, apenas na segunda metade do século XIX, com o capitalismo industrial, conforme descreve Corrêa (2007).

Já no século XX, na Inglaterra e na França, houve uma política de desconcentração para evitar a concentração das metrópoles, ou seja, buscando um significado dimensional, funcional, que segundo Ferrão, Henriques e Neves (1994), possuía dupla função da cidade média: o reequilíbrio do território e a permissão da progressão do modelo de desenvolvimento polarizado.

O desenvolvimento polarizado se deu a partir da concentração das cidades com a criação de empregos sob o estímulo direto do setor público e os programas de incentivos, com a implementação de equipamentos de educação e saúde, assim, melhorando a oferta dos serviços sociais nos centros regionais. Portanto, as cidades médias estariam em função do

desenvolvimento regional, como destaca Ferrão, Henriques e Neves (1994) e não menos, é palco de manifestações culturais que atraem a população local, regional e, não menos, também, em âmbito global. Dessa forma, geram grandes fluxos entre cidades, reordenamento dos espaços públicos voltados para cultura e novas adesões atrativas festivas para atingir uma dimensão maior de público.

Na década de 70, o declínio sócio produtivo de cidades com tradição industrial, países como a Inglaterra e os Estados Unidos ensejaram diversas políticas de promoção das cidades com fim econômico. Como a promoção das cidades para as empresas que procuravam novas localidades. Já nos 80, as cidades buscam estimular o ambiente local propício à iniciativa empresarial e à inovação social num contexto crescente de competitividade interurbana, assim praticando o marketing urbano, ou seja, tornando a cidade atrativa e propícia para os investidores.

Não menos novas estratégias das cidades médias foram a de implementação de universidades e de centros de pesquisa que fizeram criar ambientes favoráveis à inovação como relata Ferrão (1994), desse modo, atuando na formação da mão de obra qualificada que promovia a interação com agentes econômicos, ofertava serviços especializados, infraestrutura de transporte e telecomunicações, ainda, tratava da valorização da cultura local por meio do seu patrimônio histórico, sua memória e espaços para lazer.

O mesmo autor indaga-se sobre a cidade intermediária se seria um novo conceito ou se seria uma nova perspectiva. Se a cidade releva menos da sua dimensão do que do modo se articula com as restantes do sistema urbano. Se há valorização dos aspectos qualitativos, estratégicos e relacionados com a capacidade de afirmação da cidade ao nível nacional e internacional.

Para Branco (2006) o Brasil de 1970 a 2000 apresentou alteração na configuração territorial, principalmente na função das cidades médias e sua ligação com os contextos regionais, nacional e global.

Portanto, o conceito da cidade média parte do pressuposto de uma específica combinação de variáveis “entre tamanho demográfico, funções urbanas e organização de seu espaço interurbano por meio da qual pode-se conceituar a pequena, média e a grande cidade, assim como a metrópole”, segundo Corrêa (2007, p.23)

A relação das variáveis define e identifica a pequena, média e grande cidade, conforme Corrêa (2007), sendo o tamanho demográfico, com o mesmo contexto regional de renda e padrão cultural, a escala da economia, o desenvolvimento de funções urbanas para fora da cidade, as atividades não básicas que são voltadas para o consumo da própria cidade, definem o porte da cidade.

O tamanho demográfico deve ser relativizado, perpassando pela escala referencial de uma escala espacial para o pensar em cidade média, já que há diferentes contextos de uma mesma cidade em relação a outras.

A cidade média, a partir da construção de um quadro teórico, possui consideração de três elementos: a presença de uma elite empreendedora, a localização relativa e as interações espaciais.

O elemento da elite empreendedora é aquele que possui autonomia econômica e política numa cidade e em outras da mesma dimensão demográfica, criando interesses locais e regionais. Para a localização relativa, “é a cidade média que está é um lugar central na hierarquia regional, sendo o foco de circulação e efetivo nó tráfego”. Corrêa (2007, p.30) Já as interações espaciais são controladas por essa elite, e que são relações espaciais intensa, complexas, multidirecionais e marcadas pelas diferentes escalas, decisivas para a identificação de uma cidade média.

Os tipos preliminares de cidades médias podem ser o lugar central, caracterizado por poderosa concentração da oferta dos bens e serviços para uma região; centro de drenagem e consumo da renda fundiária, caracterizado pela grande propriedade rural, esse tipo de cidade controla economicamente e politicamente o espaço regional, o espaço de atuação de sua elite fundiária; centro de atividades especializadas, caracteriza-se pela concentração de atividades que geram interações espaciais a longas distâncias, pois se trata de atividades destinadas ao mercado nacional ou internacional, tendo em vista a elite comercial, essenciais a qualificação de cidade média.

Sendo as cidades de Currais Novos-RN e Campina Grande-PB, possuidoras de elementos apresentados acima. Porém a primeira possui uma escala menor econômica e de influência regional menor que a outra. E em ambas a festividade também apresenta outras escalas, uma local/ regional e a outra uma regional/ global.

#### **DAS FEIRAS ÀS FESTAS: AS CIDADES (INTER) MÉDIAS DO INTERIOR DO NORDESTE**

As cidades do interior tiveram sua origem em primitivas feiras, além das gerais, a feira de gado. De acordo com Cardoso (2007), a origem de Campina Grande é caracterizada pela passagem de gado. A cidade está situada em posição favorável, central, que a tornou um local de comércio de gado, sendo assim, importante para a formação do seu povoado.

As feiras de gado de maior destaque se encontravam na região semiárida, caracterizada pela produção pecuária, ou nas “regiões de transição” entre o litoral e o sertão, como é o caso de Campina Grande. Cardoso (2007, p.524), destaca a importância das feiras já origem das cidades brasileiras:

“As feiras exerceram um importante papel para a origem e o crescimento de muitas cidades brasileiras, destacando-se as localizadas na Região do Nordeste. Sabe-se que no Brasil, desde o período colonial, as feiras caracterizaram pontos de convergência de população em locais escassamente povoados.”

As feiras surgiram, segundo Irenêo Joffily, em fins do Século XIX para que se tornasse mais fácil e cômoda a troca de produtos da vasta região pastoril com os agricultores” e que essas feiras tinham a sua exposição em dia certo, uma vez por semana.” O mesmo autor aponta o povoado de Campina Grande como o provável “primeiro sinal de comércio interno.” (JOFFILY, apud Cardoso, 1977, p.224)

Campina Grande possui clima ameno por causa da sua altitude, integra a paisagem das colinas do Planalto da Borborema. A cidade teve o seu crescimento mais acelerado em dois períodos: primeiro com a chegada do trilho do trem e, posteriormente, com a construção

da rodovia que corta o estado no sentido Leste-Oeste (atual BR 230), no início e meados do Século XX, respectivamente.

Já na década de 1940, a cidade tomava feição moderna com a construção de edifícios e com as reformas urbanistas, com ruas largas, marcando o progresso da cidade.

Assim, a também chamada “cidade mercado” adquiriu múltiplas funções; a sua vida econômica gravitava em torno do algodão e funcionava como centro distribuidor. Era considerada “Porta do Sertão” e empório do comércio de algodão do Nordeste, e se destacava como centro cultural do interior do nordeste, realizando as antigas tradições portuguesas, especialmente o São João, como destaca Cardoso (2007).

Por volta da década de 1950, já podia ser observada algumas transformações não apenas nos hábitos, nas tradições, nas crenças e nos sentimentos, mas também nas atividades econômicas, como decorrência da imitação de novos padrões de comportamento do cinema e das revistas ilustradas e rapidamente assimilados como técnicas do progresso, verificados em outras regiões.

Muller (1958, apud Cardoso, 2007) identificou a importância de Campina Grande como centro distribuidor de produtos do sul do país e de outras regiões como o sertão da Paraíba, de Pernambuco, da Bahia, do Piauí, do Ceará e, até mesmo, do Estado do Maranhão. Registrando, também as dificuldades da formação de uma base produtiva de cunho industrial.

Essa posição de centro de “redistribuidor” era contrastada com a quase inexistência de infraestrutura de abastecimento de água e de fornecimento de energia elétrica, dificultando a dinâmica industrial. Contudo, a vitalidade do crescimento e o ritmo do comércio eram ressaltados pelo movimento das ruas, do comércio e pedestres.

Em 1960, Campina Grande começa a apresentar indícios de declínio. Houve retração no volume de transações comerciais pela queda de produção do algodão e do sisal, causada pela concorrência internacional. E o adensamento da rede de suportes de circulação de viária do país, o sistema de mercadorias prescindia de entrepostos, conforme Cardoso (2007) destaca.

Outros fatores contribuíram para o declínio das transações comerciais verificadas em Campina Grande, nos anos sessenta, entre eles, o deslocamento de contingentes populacionais de áreas periféricas ou de outras áreas do interior nordestino para este pólo central, provocando o crescimento de desigualdades na área urbana da cidade, resultando na formação de uma mão-de-obra flutuante, um “exército de reserva” para a indústria emergente e para o próprio setor de serviços.

Na tentativa de elevação econômica da cidade, ela foi inserida no circuito dos Polos Tecnológicos para a promoção do desenvolvimento tecnológico no Estado da Paraíba através de incentivo e suporte à criação de empresas de base tecnológica, além da produção de softwares para exportação, criando o “espírito de modernidade”.

Campina Grande-PB tem sua origem marcada pela feira de gado e sua atual dinâmica é simbolizada por elementos modernos, em especial a implementação do parque tecnológico e educacional e a realização das festas espetáculos em dimensão global.

Para Cardoso (2007), as consequências imediatas desse modelo para a cidade são a locação de uma área para alojamento e instalação de empresas, a redução de 50% da taxa de Alvará de Funcionamento pela Prefeitura Municipal e o repasse para o Programa do ISS (Imposto Sobre Serviço) recolhido nas Empresas de Base Tecnológica (EBT'S), além, evidentemente, do fortalecimento do discurso de inserção na modernidade e no movimento global da sociedade.

Segundo Medeiros (1992, apud Cardoso, p.31), os chamados setores tradicionais não incorporam os avanços tecnológicos e os esforços para transferir conhecimentos das instituições de ensino e pesquisa para o conjunto da economia vão ao encontro, teoricamente, às metas do Parque tecnológico. E, neste aspecto, é preciso considerar que para os setores tradicionais deveriam existir formas diferenciadas de absorção e difusão de novas tecnologias.

Há movimento urbanístico para a relocação da feira para as periferias e elas darem espaços para os supermercados. Racionalização própria da indústria cultural e da lógica do consumo, empobrecendo elementos da cultura tradicional, tirando seu significado original, e, portanto, sua alma (ANDRADE, apud Cardoso, op.cit, p.73).

A feira é uma manifestação de valores culturais, uma antítese à sociedade de consumo dos supermercados, a feira não combinaria com a modernização da cidade. A feira é local de encontros de sociabilidade.

Duas festas espetáculos ocorrem em Campina Grande que modificam a estrutura urbana da cidade, conforme Cardoso (2007) elenca, a Micareta, carnaval fora de época, e o São João, consagrado pelos órgãos públicos com o epíteto de "O maior São João do Mundo."

As festas espetáculos esteriliza o espaço, ainda, cabendo a prefeitura garantir a infraestrutura necessária com o evento sem retorno do investimento. O epicentro desta festividade é uma área imensa numa estrutura chamada parque do Povo. Para a promoção dos eventos folclóricos e tradicionais pelo poder público só há se tiver interesses lucrativos.

Campina Grande teve profundas transformações na sua paisagem e dinâmica urbana, cuja função do poder público em transformá-la em cidade da modernidade.

### **O PAPEL DAS CIDADES (INTER) MÉDIAS PARA O DESENVOLVIMENTO REGIONAL**

A localização, segundo Ferrão (1994), enfatiza caracteriza a cidade média, e a cidade intermediária, valoriza os aspectos qualitativos, relacionadas a fluxos estratégicos. A boa rede de comunicações, nível de instrução e capacidade de investigação superior à média, ambiente residencial atrativo para segmentos qualificados da população ativa, o apoio às atividades de âmbito cultural, empenho vivo das instituições públicas na vida da cidade são, também, elementos para a cidade média com relata Dantas e Clementino (2013).

As cidades passam por processos de transformações sociais, nos valores culturais e na regulação do Estado para os níveis de poder local, desse modo, colocando novos desafios às cidades. As cidades médias representam o equilíbrio para as redes e hierarquias urbanas, bem como por exercer as funções de relação e intermediação entre cidades.

Assim, este artigo objetiva compreender o processo de urbanização de algumas cidades (inter) médias do interior do Nordeste e suas dinâmicas. Também tem o intuito de

revisar a teoria e formulação a respeito das cidades médias partir da perspectiva de Branco (2006), Corrêa (2007) e Ferrão, Henriques, Neves (1994).

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Estudar a formação da ideia de cidades médias e como ela está presente nas cidades do interior do Nordeste, contribui para a reflexão dos conceitos e suas relações nas dinâmicas urbanas e regionais em suas escalas e dinâmicas cotidianas, de modo a quebrar paradigmas que somente as cidades grandes tem apresentado características de cidades genéricas e de espaços uniformes, limitador que inclui até o espaço público – a rua.

Segundo Ferrão (1994), a cidade média pensada na Inglaterra e nos Estados Unidos da década de 70 do século passado, tinha o intuito de estimular o ambiente para a iniciativa privada, não muito diferente aconteceu com Campina Grande-PB, ao implantar o polo tecnológico, para a produção de produtos para exportação e sem a inclusão da cultura local e, também, ao incentivar as festas espetáculos, que só atende a empresários e não a identidade local. Além de que, na década de 40, executar plano urbano para a cidade para ter a área de cidade progresso, mas sem serviços públicos que atendessem o aspecto da qualidade da vida, como esclarece Cardoso (2007).

Para Corrêa (2007), a cidade média possui as características do tamanho demográfico, das funções urbanas e da organização do espaço interurbano. Já para Ferrão (1994), as cidades médias seriam em função do desenvolvimento regional, sobre o intermediário indaga-se sobre valores dos aspectos qualitativos, estratégico que a cidade tem para o nível nacional e internacional.

Assim, as cidades médias do interior do nordeste brasileiro, foram marcadas pela centralidade e dinâmica econômica, e que tem em comum a sua origem, ou seja, a feira de gado, que a partir do comércio de gado surgiu seus centros urbanos e que hoje promovem sua cultura em escala global, para determinado público e características efêmeras para atender um amplo público.

Então, conclui-se que as cidades médias mudam seu conteúdo, tornando-se lugares de regulação da divisão social do trabalho e da distribuição das funções produtivas, havendo uma urbanização vinculada à informatização da industrialização e dos serviços.

Por fim, a partir da análise dos artigos de Brenner (2000) e de Marston (2000) à respeito das questões das escalas geográficas e sociais, podemos trazer a relação da escala analisada pelos autores com a produção dos espaços culturais com fins globais que refletem no espaço local e regional. Espaços e culturais de grande alcance financeiro que alteram a cotidianidade das cidades. Por isso a pertinência de compreender como funciona a produção dos espaços capitalistas, com a finalidade de mais-valia, em suas diferentes escalas e como ela altera as relações socioespaciais urbanas.

### **REFERÊNCIAS:**

BRANCO, Maria Luisa Castello. *Cidades médias no Brasil*. In: SPOSITO, E. S. et al. (Orgs.) *Cidades médias: produção do espaço urbano e regional*. São Paulo: Ed. Expressão Popular, 2006. p. 245-277.

BRENNER, Neil. *The Urban Question as a Scale Question: Reflections on Henri Lefebvre, Urban Theory and the Politics of Scale. International Journal of Urban and Regional Research*. Volume 24.2 June 2000.

CARDOSO, Carlos Augusto de Amorim; MAIA, Doralice Sátyro. *Das feiras às festas: as cidades médias no Nordeste*. IN: SPOSITO, M. E. B. *Cidades médias: espaços em transição*. São Paulo: Expressão Popular, 2007. OCLC: 804426660.

CORRÊA, Roberto Lobato. *Construindo o conceito da cidade média*. IN: SPOSITO, M. E. B. *Cidades médias: espaços em transição*. São Paulo: Expressão Popular, 2007. OCLC: 804426660.

DANTAS, J. R. De Q.; CLEMENTINO, M. Do L. M. *O papel das cidades (inter) médias para o desenvolvimento regional: um estudo a partir dos centros sub-regionais (Pau dos Ferros-RN, Cajazeiras-PB e Sousa-PB)*. *Geo UERJ*, 12 ago. 2013. v. 1, n. 24, p. 228–255.

FERRÃO, João; HENRIQUES, Eduardo Brito; NEVES, António Oliveira das. *Repensar as cidades de média dimensão. Análise Social* (1994): 1123-1147.

FLORIDA, R. L. *The rise of the creative class: and how it's transforming work, leisure, community and everyday life*. New York, NY: Basic Books, 2004. OCLC: ocm54065465.

KOOLHAAS, Rem. *Três textos sobre a cidade: Grandeza, ou o problema do grande; A cidade genérica; Espaço-lixo*. São Paulo: Editorial Gustavo Gili, 2014. (Capítulo: A cidade genérica, p.31-65)

LANDRY, C. *The Creative City: a Toolkit for Urban Innovators*. Hoboken: Taylor and Francis, 2012. OCLC: 880705715. \_\_\_\_\_. *Origens e futuros da cidade criativa*. São Paulo: SESI - SP, 2013.

LEFEBVRE, Henri. *De lo rural a lo urbano*. Barcelona: Ediciones Península, 1971. [1970]. (Capítulo V: Introducción a la psicossociologia de la vida cotidiana, p.85-102)

\_\_\_\_\_. *La production de l'espace*. 4. éd ed. Paris: Éd. Anthropos, 2000. OCLC: 248469825.

MARSTON, Sallie A. *The social construction of scale*. *Progress in Human Geography* 24,2 (2000) pp. 219–242

ROTEM, E. K. *O espaço público na cidade criativa. Cidades Criativas - Perspectivas*. [S.l.]: Garimpo de Soluções, 2011, p. 138–149.